

ISSN 2316-7785

UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO SOB A PERSPECTIVA DA TEORIA DA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

Maciel Gonçalves Santos

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

macielgonsalves@hotmail.com

Grazielle Santos Ferreira

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

grazielesf@gmail.com

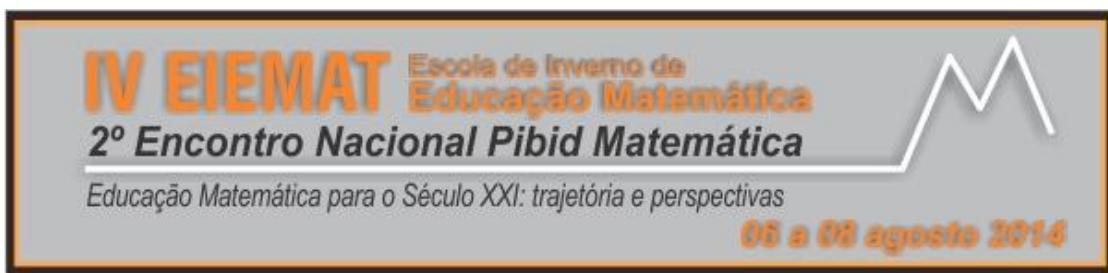
Resumo

Este trabalho tem a finalidade de relatar a experiência de um graduando em Licenciatura em Matemática com Enfoque em Informática da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, campus de Jequié-BA vivenciada na disciplina de Estágio Supervisionado I, numa turma de 6º e 7º ano da Educação de Jovens e Adultos (EJA) do Colégio Municipal Alíria Argolo Pereira, localizado em Jequié-BA. A realização do estágio, através da observação, coparticipação e aplicação de um questionário direcionado ao professor regente, teve como objetivo fazer uma correlação da prática docente com a Teoria da Aprendizagem Significativa, bem como apresentar uma breve reflexão acerca das variáveis envolvidas no processo de ensino que poderiam impossibilitar a concretização de uma aprendizagem significativa, concentrando-se no trabalho do professor, nas relações estabelecidas em sala de aula e discutindo os pressupostos teóricos da Teoria da Aprendizagem Significativa. Esse trabalho em que o futuro professor pode fazer a análise e discussão acerca da prática de outrem faz que ele adquira um amadurecimento para que posteriormente faça essas reflexões sobre a sua própria prática.

Palavras-chave: Matemática; Estágio Supervisionado; Aprendizagem Significativa.

Introdução

O presente relato surgiu como resultado da disciplina de Estágio Supervisionado I que compõe a grade curricular do curso de Licenciatura em Matemática com Enfoque em Informática da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, campus de Jequié, Bahia. O estágio foi realizado no período de 16 de outubro de 2013 a 13 de janeiro de 2014, no Colégio Municipal Alíria Argolo Pereira, localizado no Bairro do Mandacarú, zona



urbana da cidade de Jequié-BA, em uma turma de 6 e 7º ano da modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), no período noturno.

O Estágio Supervisionado I tem o intuito de fornecer um primeiro contato do licenciando com a sala de aula através da observação, coparticipação e de outras atividades desenvolvidas durante a disciplina. Através deste, o estudante tem a possibilidade de conhecer a realidade a qual futuramente ele estará inserido, de forma que ele possa visualizar os agentes que compõe o ambiente escolar, mais precisamente aqueles que estão inseridos no cotidiano da sala de aula, o professor, o aluno e o saber. Porém, como afirma Pimenta e Lima (2004, p.112) “é necessário, pois, que as atividades desenvolvidas no decorrer do curso de formação considerem o estágio como um espaço privilegiado de questionamento e investigação”. Sendo assim, o estudante buscou através da observação e coparticipação durante as aulas e um questionário realizado com professor confrontar a prática docente com a Teoria da Aprendizagem Significativa, não para criticar o trabalho do professor, mas sim com a intenção de investigar e/ou constatar quais são as práticas de ensino utilizadas pelo mesmo em sala de aula e se tais práticas poderiam expressar o desenvolvimento de uma aprendizagem significativa para seus alunos. O estágio foi um período de muita aprendizagem, pois o estudante, nesse caso o estagiário, pode fazer uma relação entre a teoria estudada no contexto da universidade e levar para o contexto escolar, já que há, conforme Pimenta e Lima (2004, p.41) “a necessidade de explicitar por que o estágio é teoria e prática (e não teoria ou prática)”. Com as análises e reflexões realizadas sobre essa experiência, o estagiário poderá futuramente aprimorar a sua prática.

Referencial Teórico

Nessa sociedade em que as informações estão muito rápidas e contínuas, a escola recebe uma nova demanda de alunos, logo é necessária uma nova demanda de professores e como afirma Loureiro e Oliveira (2010, p. 7) “o ensino tradicional não atende mais determinadas dificuldades que os alunos apresentam, surgindo então a necessidade de uma



educação, onde o aprender a aprender faça parte dos alunos e professores". Diante disso, a Teoria da Aprendizagem Significativa coloca em questão o ensino tradicional e suas práticas, dando ênfase não só a perspectiva teórica, mas também a dimensão prática, assim como coloca em xeque esta metodologia tradicional que é a mais utilizada nas escolas, sendo esta classificada como mecânica e livre de uma aprendizagem significativa, e é criticada pelos teóricos da Aprendizagem Significativa. Para Rodriguez

A Aprendizagem significativa é aprendizagem com significado, compreensão, sentido, capacidade de transferência; oposta à aprendizagem mecânica, puramente memorística, sem significado, sem entendimento; dependente essencialmente do conhecimento prévio do aprendiz, da relevância do novo conhecimento e de sua predisposição para aprender. Essa predisposição implica uma intencionalidade da parte de quem aprende. Esta, por sua vez, depende da relevância que o aprendiz atribui ao novo conhecimento (RODRÍGUEZ PALMERO et al., 2008, p. 28).

Essa Teoria mostra alternativas para uma mudança e a sua fundamentação na psicologia endossa a necessidade de mudanças profundas na visão dos professores a respeito de como conceber o ensino em sala de aula, bem como perceber os alunos como principais agentes para a aprendizagem. Logo o papel do aluno também é fundamental para a obtenção do conhecimento e deve ser levado em consideração os seus conhecimentos prévios. A respeito disso Moreira afirma que

Não é difícil aceitar que aprendemos a partir do que já sabemos e que, portanto, nosso conhecimento prévio, seja qual for ele (subsunções, esquemas, construtos, representações, modelos mentais,...), é a principal variável a influenciar a aquisição significativa de novos conhecimentos. Uma consequência imediata disso é que o ensino deveria, como propõem Ausubel, Freire e Postman, partir daquilo que os alunos já sabem. (MOREIRA, 2010, p.08)

Tal variável – Conhecimento Prévio – é tida como ponto de partida das relações de Ensino-Aprendizagem constituídas nas escolas e é também de suma importância a relevância dos conteúdos para os alunos, à medida que deve-se ter uma pré-disposição do



aluno em querer aprender e o papel do professor enquanto educador/facilitador é buscar recursos para despertar o interesse de seus alunos.

Para que haja uma aplicabilidade da Teoria da Aprendizagem Significativa são apontados por Ausubel alguns princípios facilitadores, um deles destaca-se pela sua relevância em ter sido apontado também por outros autores como Moreira, Freire, etc. Um desses princípios refere-se ao Aprender/Ensinar perguntas ao invés de respostas (Princípio da interação social e do questionamento). Outro princípio facilitador apresentado por Moreira (2010) diz respeito a aprender que simplesmente repetir a narrativa de outra pessoa não estimula a compreensão (Princípio do abandono da narrativa).

Dando subsídio ao Princípio da Interação Social e do Questionamento, este direciona o professor para uma postura um pouco mais observadora e o aluno para a valorização do seu conhecimento prévio, inato o qual ele traz consigo. Não se quer dizer que ao abandonar a narrativa o professor deixará de fazer as tradicionais aulas expositivas, essas devem continuar, mas que o professor seja mais observador.

Com isso também será desfeito o tradicional ensino verticalizado, onde o professor está acima e os alunos apenas recebem dele o conhecimento. Junto com o Abandono da Narrativa, a Interação Social e o Questionamento, abrem-se portas para outros princípios como o Princípio da Não centralidade do livro de texto, sobre isso Postman ressalta,

Aqui estou defendendo a diversidade de materiais instrucionais em substituição ao livro de texto, tão estimulador da aprendizagem mecânica, tão transmissor de verdades, certezas, entidades isoladas (em capítulos!), tão "seguro" para professores e alunos (Postman apud MOREIRA, 2010, p.10)

Diversificar os materiais instrucionais e incorporar tais materiais às aulas já ajudaria na quebra da ideia de ter o apenas o livro como fonte de conhecimento e de ser este, o único mecanismo ou ferramenta para o ensino-aprendizagem. Atrelado a isso está a ideia de que não existe verdade absoluta, nem certo ou errado, existe sim a negociação de conceitos e percepções de cada um, acomodando-se, é claro com as definições e limitações de um determinado conceito.



Todos os princípios facilitadores enfatizam a sala de aula como o ambiente onde os mesmos devem intervir. Com a ajuda das mudanças na filosofia de ensino de professores, estas abarcariam de forma substancial uma futura aprendizagem significativa, por ser o professor o precursor dessa nova instância a qual passaria a ser a sala de aula, Rabelo e Lorenzato (1994) defende essa visão.

Não descartamos a possibilidade de que métodos, técnicas e propostas curriculares possam ter influências positivas na melhoria da qualidade, mas acreditamos que uma mudança significativa só se concretizará através de uma mudança efetiva de postura, uma mudança de filosofia pedagógica que atinja, em última instância, o âmbito social. E, no nosso entender, o inicio de tal mudança deverá ter início na sala de aula, pois neste labor está a possibilidade de busca de atitudes mais positivas tanto de alunos como de professores (RABELO & LORENZATO, 1994, p. 01)

Através dessa visão temos um foco, um lugar a ser pensado que é a sala de aula e as relações estabelecidas entre professor e aluno como sendo o principal ponto de discussão das possíveis mudanças que poderão propiciar uma aprendizagem significativa. Perante o que foi apresentado, a Aprendizagem Significativa coloca-se como uma boa alternativa para que possamos modificar a nossa atual prática de ensino, buscando mais proximidade dos nossos alunos, dando mais indícios para que eles se sintam parte do processo de aprendizagem.

A observação

Para aqueles que nunca exerceram o magistério, esse é o momento em que o estagiário tem o primeiro contato com contexto escolar como futuro professor e este pode fazer uma ponte entre o que estudou na universidade e a sua prática na sala de aula, como afirma Pimenta e Lima (2004, p. 102) “O estágio supervisionado para os alunos que ainda não exercem o magistério pode ser um espaço de convergência das experiências pedagógicas vivenciadas no decorrer do curso”. Assim, o estagiário buscou se identificar com uma teoria para se embasar e, à luz desta, realizar o seu estágio para posteriormente fazer uma reflexão sobre essa experiência.



Durante o início da observação, o professor regente formado em Licenciatura em Biologia com Pós-Graduação na área de Matemática, falou sobre o cotidiano do colégio, apresentou a turma e relatou alguns problemas como falta de água e baixa frequência dos alunos.

O professor explicava bem os conteúdos, porém, utilizando o livro didático ele desenvolvia o conteúdo no quadro, os alunos copiavam e depois passava alguns exercícios. Um aspecto importante visto durante a observação foi que em muitos momentos da aula em que os alunos falavam sobre as suas dúvidas, o professor sempre fazia associações com o cotidiano dos mesmos, o que é bastante positivo para a aprendizagem do aluno, principalmente para os alunos do EJA que já tem um contexto diferenciado daqueles alunos do ensino regular.

Fazendo uma ponte com o aspecto teórico levantado e discutido no referencial teórico, o professor tinha como guia na sala de aula o livro didático, uma prática criticada pelos teóricos da Teoria da Aprendizagem Significativa, crítica esta, evidenciada por um princípio facilitador para que se possa ter uma aplicabilidade dessa teoria, o princípio da não centralidade do livro de texto.

Uma ideia fortemente defendida na Teoria diz respeito ao conhecimento prévio do aluno que era valorizado pelo professor regente, pois ele sempre buscava fazer uma associação do conteúdo com o cotidiano dos alunos.

A coparticipação

Esse é o momento em que o estagiário tem um contato maior com a turma, pois participa diretamente da aula, resolve exercícios no quadro ou na mesa do aluno, inicia a aula ou introduz um conteúdo. A importância desse período é que o estagiário começa a se ver na posição de professor, não mais apenas como um observador ou aluno.

A coparticipação foi realizada por meio do auxílio aos alunos na resolução de alguns exercícios. Ao ajudá-los, percebeu-se que os alunos só conseguiam desenvolver ou dá



continuidade a alguma questão quando algumas dicas eram dadas pelo estagiário. Sendo assim, ficou explícito que a autonomia e a curiosidade dos alunos tinham se perdido um pouco naquela turma e analisando o recorte que é o momento do estágio, faltou o professor propiciar uma situação favorável ou até mesmo aplicar questões que despertassem o interesse da turma que é um fator que a Teoria da Aprendizagem Significativa propõe.

O questionário e a análise das respostas

Além do período de observação e coparticipação, outro instrumento de pesquisa foi utilizado. Foi entregue ao professor regente um questionário que visava analisar brevemente a concepção deste em relação à Matemática e a sua prática em sala de aula para posteriormente fazer uma associação com o tema levantado através das ideias discutidas no referencial teórico com as respostas dadas pelo mesmo.

De uma forma geral, as respostas dadas iam ao encontro da Teoria da Aprendizagem Significativa, pois em suas respostas deixou claro que utilizava metodologias inovadoras em sua prática docente, que poderia despertar o interesse do aluno, fazendo que este começasse a levantar questionamentos e assim construir o seu próprio conhecimento. Disse ainda, que abria espaço em suas aulas para que os alunos participassem de discussões, que segundo a Teoria é considerado como um Princípio Facilitador, nomeado pelos teóricos de Princípio do abandono da narrativa.

Considerações Finais

O estágio foi um momento de grande aprendizagem e também de muita reflexão. É preciso estar atento a muitos fatores quando se diz respeito à aprendizagem e a sala de aula, a metodologia a ser utilizada, os materiais a se consultar, como avaliar e gerir o processo de ensino. Para a formação inicial, encarar o estágio como um espaço de questionamento e investigação da prática docente faz que o futuro professor reflita e aplique essas reflexões à sua prática futuramente.



Com essa experiência percebeu-se que é de suma importância levar em conta o conhecimento prévio dos alunos e criar momentos que propiciem o questionamento para que dessa forma mobilizar o ensino para uma perspectiva que coloque os alunos na posição formuladores de perguntas. As ações em sala de aula devem manifestar a intenção do professor em provocar nos alunos a curiosidade para que posteriormente estes se manifestem trazendo as suas dúvidas e perguntas enriquecendo o momento de ensino e as discussões em sala de aula.

Conclusões que foram frutos do estudo da teoria e da observação da prática que geraram a percepção de que a Teoria da Aprendizagem Significativa dá o suporte para que o professor busque entender a dinâmica da sala de aula e do processo de ensino. Questionar a prática é de grande valia quando passamos a almejar uma educação que ofereça aos nossos alunos condições para que possam alcançar uma aprendizagem significativa.

Referências

LOUREIRO, D. Z; OLIVEIRA, F. T. **PIBID – Uma Interseção de Conhecimentos Entre a Realidade Escolar e a Universidade**. Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Cascavel, 2010.

MOREIRA, Marco Antonio. **Aprendizagem Significativa Crítica**. Instituto de Física da UFRGS, Porto Alegre, 2010.

PIMENTA, S. G; LIMA, M. S. L. **Estágio e Docência – Por que o estágio para quem não exerce o magistério: o aprender a profissão**. Coleção docência em formação. Série saberes pedagógicos. São Paulo: Cortez, 2004.

IV EIEMAT Escola de Inverno de
Educação Matemática

2º Encontro Nacional Pibid Matemática

Educação Matemática para o Século XXI: trajetória e perspectivas

05 a 08 agosto 2014



RABELO, E.H.; LORENZATO S.A. **Ensino de Matemática: Reflexões para uma aprendizagem significativa.** Revista Zetetiké. Campinas, ano 2, nº 2, p. 37-46, março de 1994.